

INTEGRAÇÃO SOCIAL DO SURDO*

Lucinda Ferreira-Brito
(UNICAMP e CNPq)

I. LÍNGUAS DOS SINAIS

O uso da expressão "línguas dos sinais", no plural, faz sentido já que se refere a estruturas linguísticas utilizadas por surdos na expressão e elaboração do pensamento e na comunicação. São línguas naturais e, como tal, apresentam especificidades próprias devidas a restrições de ordem estrutural e a fatores socio-culturais.

A iconicidade, característica fortemente explorada nas línguas gestuais/visuais, foi responsável em parte pelo fato de se ter tomado as línguas dos sinais, durante muito tempo, como sistema universal de comunicação entre os surdos. A modalidade de tais línguas realmente favorece a representação icônica dos objetos do mundo real. Entretanto, trata-se de representação convencional, apesar de icônica, pois, cada língua capta facetas diferentes do mesmo objeto através dos sinais. Como exemplo, pode-se citar o sinal para ÁRVORE em três línguas: em Língua dos Sinais Americana (LSA), em que se representa com o antebraço o tronco da árvore e com a mão aberta as folhas em movimento; em Língua dos Sinais Chinesa (LSC), representa-se com as duas mãos em [L'] (dedos indicador e polegar abertos e curvos) apenas o tronco da árvore; e em Língua dos Sinais Dinamarquesa (LSD), onde as duas mãos em [B] (mãos abertas, dedos juntos) traçam no espaço o bordo aparente da cúpula e do tronco da árvore (para maiores detalhes a respeito desses sinais, ver Klima e Bellugi, 1979)

Cada comunidade surda tem sua língua dos sinais. Só no Brasil, tem-se notícia da existência de duas línguas distintas; a LSCB (Língua dos Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros) e a LSKB (Língua dos Sinais Kaapor Brasileira), esta última servindo na comunicação entre surdos e entre surdos e ouvintes da comunidade indígena Urubu-Kaapor, que habita uma região próxima do Rio Gurupi, no Estado do Maranhão (Ferreira Brito, 1984).

Além do mais, as línguas dos sinais não são calcadas nas línguas orais com as quais estão em contacto. Prova disso é o fato de a Língua dos Sinais Portuguesa (LSP) ser totalmente diferente da LSCB e de, no entanto, ambas estarem em contacto com a

* Pesquisa financiada pelo CNPq.

Língua Oral Portuguesa. Do mesmo modo, o inglês é a língua falada nos Estados Unidos e na Inglaterra. As línguas dos sinais Americana (LSA) e Britânica (LSB) são sistemas linguísticos distintos.

Outro ponto a ser considerado é a "completicidade" dessas línguas gestuais/visuais. São tão completas quanto qualquer língua oral, pois, apresentam todos os níveis linguísticos ("fonológico", sintático e semântico) e permitem a tradução de qualquer assunto ou conceito nelas. Expressam sentimentos, estados psicológicos, conceitos concretos e abstratos e processos de raciocínio, como mostram as figuras abaixo:



Fig. 1 ÓDIO¹



Fig. 2 BRAVO



Fig. 3 CARRO



Fig.4 NECESSIDADE, SER-NECESSÁRIO,² PRECISAR.

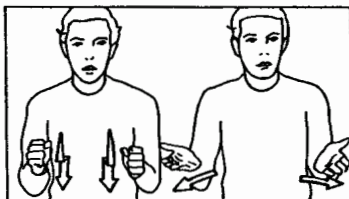


Fig. 5 PODE-SER, POSSÍVEL

-
1. As palavras em maiúsculas são referentes a sinais e não a palavras do português.
 2. O uso de hífen indica que se trata apenas de um sinal correspondente à expressão em português.

A complexidade das línguas dos sinais pode ser observada em todos os níveis. No nível "fonológico", três parâmetros maiores, Configuração da(s) Mão(s), Movimento e Ponto de Articulação, e Três parâmetros menores, Região de Contacto, Orientação da(s) Mão(s) e Disposição da(s) Mão(s) são constituídos de elementos distintivos de sinais (Ferreira Brito, 1986a).

A partir do parâmetro Configuração da(s) Mão(s), criou-se um alfabeto manual (certas Configurações de Mão correspondem às letras do alfabeto em português) cuja finalidade é permitir a dactilologia ou soletração de palavras da língua oral. O alfabeto manual entretanto não faz parte da estrutura da língua. Serve para empréstimos linguísticos que vêm preencher certas necessidades momentâneas de conceitos ainda não incorporados à língua dos sinais ou na tradução de nomes próprios.

Tanto o nível "fonológico" quanto o morfológico operam principalmente em termos de simultaneidade. Isto é, os elementos distintivos dos parâmetros se superpõem para constituir os sinais, e as marcas morfológicas são obtidas através de alterações de um ou mais parâmetros, no interior do próprio sinal. Devido ao fato de os sinais serem realizados em períodos de tempo mais longos do que os das palavras, as línguas dos sinais recorrer à "lei da compensação", procurando inserir o máximo de informação possível do mesmo iter lexical e evitando, com isso, o acúmulo de elementos na cadeia linear. Ao mesmo tempo, parece haver menos informações redundantes em línguas dos sinais do que em línguas orais. Isso não prejudica em nada a passagem da mensagem, já que por serem mais longos do que as palavras, os sinais são mais facilmente perceptíveis. Assim, temos exemplos como os das figuras 6 e 7, representando os sinais FALAR e FALAR-SEM-PARAR (ou FALAR-PELOS-COTOVELOS). Este último contém a informação do primeiro (conteúdo semântico de "falar") mais o "aspecto continuativo", ambos, porém, constituindo sinais simples.



Fig. 6 FALAR



Fig.7 FALAR SEM-PARAR
FALAR-PELOS-COTOVELOS

Como vemos, os sinais nem sempre correspondem a palavras. Não existe isomorfismo de categorias linguísticas e suas relações entre Português e LSCB. As duas línguas se constituem de "frames" específicos do mundo real, e isso confirma o que disseros anteriormente: a LSCB não é calcada na estrutura do Português. Dito de outro modo, a estrutura da primeira não é o mapeamento da estrutura da segunda.

O mecanismo de superposição de elementos ou de simultaneidade de informações,

próprio das línguas dos sinais, explica como se passa a dupla articulação nas línguas gestuais-visuais, e o desconhecimento desse fenômeno justifica o fato de se ter pensado durante muito tempo que tais línguas não são dotadas da primeira articulação. Realmente, as unidades mínimas distintivas não se articulam linearmente como nas línguas orais. Elas são produzidas ao mesmo tempo, já que se trata aqui do uso não de cadeia sonora, mas sim de espaço tridimensional.

No nível sintático, também se recorre à simultaneidade, principalmente quando o verbo da oração é direcional. Os elementos anafóricos, os clíticos, os classificadores, sujeito e objeto podem ter informações contidas ou incorporadas ao próprio item verbal. A direção do Movimento do sinal verbal e/ou a Configuração de Mão(s) e/ou o Ponto de Articulação podem servir a esses propósitos.

As línguas dos sinais também receberam o rótulo de código não linguístico por não apresentarem ou por apresentarem poucos elementos de relação independentemente lexicalizados. De fato, são raros os casos de preposição e conjunção e os pronomes relativos inexistem em LSCB.

Entretanto, os tipos de relação que esses elementos manifestam, em línguas como o português, existem em LSCB, embora de forma implícita (subordinadas) ou de forma diferente (incorporação do sujeito, do objeto, do aspecto verbal, etc., no interior dos itens lexicais). Nosso estudo sobre os modais da LSCB (Ferreira Brito, 1986b) mostrou que estes se estruturam de forma semelhante àquela do português (ex. Eu acho que vai chover; é provável que chova), com exceção do pronome relativo que não aparece em LSCB no estabelecimento da relação de subordinação da segunda oração (contendo a proposição modalizada) à primeira oração (que contém o modal).

No interior de uma oração, os sinais parecem ordenar-se de acordo com os princípios universais de ordem das palavras. A organização sintática básica em LSCB parece ser SVO, apesar de que, em alguns casos de verbos direcionais, a ordem é OSV e, nos casos de topicalização, a ordem é OSV. Os exemplos (1-7) podem ilustrar essa diferença:

(1) EU-PERGUNTAR-VOCÊ

S V O

(2) VOCÊ-PERGUNTAR-PARA-MIM

S V O

(3) ME - CONVIDAR - ELE

O V S

(4) BOLA (dêixis) - PEGAR - EU

O V S

(5) BOLA (dêixis) _ PEGAR - VOCÊ

O V S

(6) JOSÉ ROBERTO GOSTAR LÍNGUA-DOS-SINAIS
S V O

(7) CARRO, ELE (dêixis) COMPROU
O S V

Orações do tipo (1,2 e 6) representam os casos mais frequentes em LSCB. Seguem a ordem SVO. Os exemplos de (1 a 5) são constituídos de verbos direcionais e, como tal, as informações concernentes ao sujeito e ao objeto estão incorporadas ao próprio verbo. Na maioria das orações com verbos direcionais, o sujeito é o ponto inicial da trajetória verbal enquanto o objeto é o seu ponto final. Os pontos, final e inicial, são referências que, ao mesmo tempo, estabelecem a concordância verbal, trazendo informações de número e de pessoa. Os chamados "reverted verbs", tais como CONVIDAR e PEGAR dos exemplos (3,4 e 5), se organizam de acordo com a ordem OVS. Em (7) temos um caso de topicalização (CARRO introduz o tópico).

Como já foi mencionado anteriormente, além da simultaneidade, outra característica evidente das línguas dos sinais é a iconicidade. Esta constituiu-se, durante muito tempo, no ponto de apoio para o argumento de que as línguas gestuais-visuais só expressavam conceitos concretos. Esse argumento é falho por dois motivos: a) porque as línguas orais (francês, inglês, português, etc.) também são dotadas de iconicidade (Lakoff e Johnson, 1980);b) a iconicidade, além de convencional, funciona muitas vezes enquanto base ou "Metáfora Orientacional", nos termos de Lakoff e Johnson, de sistemas bastante elaborados e abstratos (Ferreira Brito, 1986b e Ferreira Brito e Siqueira, 1985b).

SÍNTESE

Tentou-se mostrar com esse breve comentário a respeito das línguas dos sinais, mais especificamente da LSCB, que estas são constituídas de uma gramática própria, ou seja, de estruturas sintáticas, fonológicas e semânticas. Assim como os sons são o meio ou modo através do qual a linguagem se processa principalmente de forma linear, também o espaço e o corpo do enunciador são o meio, em línguas dos sinais, para o mesmo fim. A organização dos sinais se dá principalmente de forma simultânea, já que em espaço tridimensional.

II SOCIALIZAÇÃO, LINGUAGEM E COGNIÇÃO EM SURDOS*

Resultados de pesquisa que estamos desenvolvendo desde 1979 sobre as línguas dos sinais no Brasil, (LSCB e LSKB) levaram-nos a considerar a estreita relação entre sur-

* A segunda parte deste artigo foi apresentada na II Conferencia Latinoamericana de Sordos, Buenos Aires, 5 a 8/11/1985.

dez, cognição, linguagem e socialização. Em A formação social da mente (1984), Vygotsky salienta a integração existente entre o raciocínio prático (fase inicial do desenvolvimento cognitivo que Charlotte Buhler, citada pelo autor, considera estar presente na criança já aos seis meses de idade) e a linguagem, ao longo de todo o desenvolvimento da criança. Segundo o autor, a linguagem já estaria também presente na criança aos seis meses. A linguagem, a seu juízo, "tem um papel essencial na organização das funções psicológicas superiores" (Vygotsky, 1984:24), importantes na história do desenvolvimento da criança. Atribui Vygotsky à "atividade simbólica uma função organizadora específica que invade o processo do uso de instrumento e produz formas fundamentalmente novas de comportamento" (Vygotsky, 1984:27), iniciando-se assim o processo de socialização da criança. Esta controla seu próprio comportamento e o ambiente através da linguagem.

Levina (in Vygotsky, 1984:27-28) mostrou que, inicialmente, a verbalização consiste na descrição da situação e que, aos poucos, ela adquire um caráter "planejador", expressando os possíveis caminhos para a solução de problemas propostos à criança, a qual adquire maior independência através da linguagem com relação à estrutura da situação visual concreta.

Nos termos de Vygotsky "a capacitação especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superarem a ação impulsiva, a planejar uma solução para um problema antes de sua execução e a controlarem seu próprio comportamento. Signos e palavras constituem para a criança, primeiro e acima de tudo, um meio de contacto social com outras pessoas" (Vygotsky, 1984:31). Quando analisado dinamicamente, este arárgara de fala e ação tem uma função muito específica na história do desenvolvimento da criança; demonstra, também, a lógica da sua própria gênese" (Vygotsky, 1984:33).

De acordo com essa linha de pensamento, procuramos analisar o problema linguístico, social e primitivo da criança surda. Ora, os oralistas (educadores e especialistas preocupados única e exclusivamente com o ensino da língua oral da comunidade ouvinte ao surdo) deparam-se aqui com um grande obstáculo: como propiciar à criança surda este instrumento linguístico tão importante na sua primeira fase de vida quando não se pode em geral definir o grau e tipo de perda auditiva com precisão senão por volta de um ano e meio ou dois, fase a partir da qual se pode efetivamente iniciar a reabilitação oral e auditiva? Em contrapartida, pode-se saber, desde o nascimento, se uma criança é surda ou não. Em caso positivo, só há duas saídas: esperar um ano e meio para colocar a criança surda em contacto com a língua oral, ou desde logo expô-la à língua dos sinais, único meio possível de desenvolvimento da linguagem neste primeiro período.

No primeiro caso, se levamos em consideração o que foi salientado por Vygotsky e endossado neste trabalho, várias consequências far-se-ão sentir, na primeira fase do desenvolvimento infantil do surdo:

- a) este perde a oportunidade de usar a linguagem, senão o mais importante, pe-

los menos um dos principais instrumentos para a solução de tarefas que se lhe apresentam no desenvolvimento da ação inteligente;

- b) o surdo não há de recorrer ao planeamento para as soluções de problemas;
- c) não supera a ação impulsiva;
- d) não adquire independência da situação visual concreta;
- e) não controla seu próprio comportamento e o ambiente;
- f) não se socializa adequadamente.

Das consequências (a-d) decorre que a falta de um instrumento linguístico, na primeira fase de desenvolvimento, leva a criança surda à não independência do visual concreto, impossibilitando-a de adquirir sistemas conceptuais abstratos já existentes, pelos menos parcialmente, nas crianças de dois anos, em geral.

Segundo H. Pisciotta (1982), conceitos modais deonticos já se encontram presentes, aos dois anos de idade, na fala de crianças ouvintes. As noções modais deonticas de "obrigatoriedade", "permissividade", "facultatividade", "proibição", etc., em português, descritas e analisadas através de modelo proposto por L. Ferreira Brito (1977) e L. Ferreira Brito e R. Langevin (1985) constituem um elaborado sistema que se baseia nas relações de contrariedade e de contradição, distribuindo os conceitos em escala unidimensional. Tal sistema lógico-topológico que, de acordo com nossa pesquisa em andamento, é tão abstrato em LSCB quanto em português, não estará, provavelmente, ao alcance das crianças surdas não iniciadas à linguagem em sua primeira fase de desenvolvimento. Além do mais, a aquisição de noções como as modais é de grande importância para a socialização da criança já que são estreitamente ligadas à aquisição de normas sociais.

Portanto, além das implicações de ordem linguístico-cognitiva, há também que se levar em conta as consequências (e) e (f), acima enumeradas, relativas à integração ou não do surdo à comunidade que o cerca. Se a socialização da criança se dá desde sua mais tenra idade, decorre daí que a língua dos sinais é imprescindível ao surdo, mesmo que este, no início, esteja limitado à comunicação apenas com aqueles que manipulam bem esta língua ou que se iniciem no seu aprendizado. Posteriormente, em contacto com a língua oral, sua segunda língua, terá alcançado maior aptidão em todos os níveis (psicológico, cognitivo, social e linguístico) para enfrentar a árdua tarefa de seu aprendizado. O surdo já terá tido a prática de socialização através da língua dos sinais, suporte para o aprendizado da língua oral, vale dizer, terá já estabelecida uma comunicação gratificante.

Segundo a fonoaudióloga e psicoterapeuta Françoise Berge, o mundo "oral" deixa, então, de ter para o surdo o aspecto estranho e inacessível, e certos sentimentos de

isolamento e de exclusão serão assim afastados naturalmente (Berge, 1979:243). Para o sociólogo francês B. Mottez, "um surdo congênito ou tendo se tornado surdo antes de falar tem mais chance de se socializar na cultura surda do que aquele que se tornou surdo mais tarde"(Mottez,1985a:90). A socialização do surdo com os demais surdos é uma ponte para a ampliação de seu campo de interação social, possibilitando mais facilmente, a sua ulterior integração à comunidade como um todo e não apenas ao segmento representado pelos ouvintes.

Os oralistas atribuem ao uso da língua dos sinais o fato de grupos de surdos viverem à margem da comunidade ouvinte. Como contra exemplo, podemos citar nossa pesquisa entre os índios Urubus-Kaapor da floresta Amazônica Brasileira, que revelou que o uso exclusivo da língua dos sinais (LSKB) pelo surdo não é obstáculo para a sua interação com os ouvintes. Todos os interessados na comunicação com os surdos, sem imposição, aprendem a língua dos sinais permitindo-lhes uma participação normal em todas as atividades da comunidade. Contestando de outra forma o argumento oralista, pode-se dizer que o domínio parcial da língua oral e o não aprendizado da língua dos sinais impede que o surdo se comunique com os demais surdos, sem possibilitar-lhe, além do mais, uma comunicação efetiva com os ouvintes.

Para D.Bouvet, a educação oralista da criança surda num ensino behaviorista da fala consiste no ensino do produto de um processo delicado e complexo, mas não do processo em si, e a fala, além do mais, não é qualquer coisa que se enxerta, ainda que, para tanto, se venha a despender muita energia. No surdo, "esta fala imposta", na medida em que ele não pode encontrar as chaves do sistema por si só, mantém-se durante longo tempo como fala 'pobre', permitindo uma comunicação muito reduzida". Sabe-se, continua a autora, "o quanto o menor pensamento requer toda uma elaboração sintática para se traduzir precisamente em palavras (...). O fato de que a grande maioria de surdos não pode ler apesar de que toda a sua educação girou em torno da fala, mostra bem que esta ênfase colocada muito exclusivamente sobre a fala não conduz a uma aquisição real da língua oral" (Bouvet,1979:234).

R.M. de Souza e J.A.Cordeiro (1985) em pesquisa realizada em Campinas, São Paulo, chegaram à conclusão de que os surdos, em período escolar, não sabem ler, interpretando apenas frases isoladas, na maioria dos casos, apesar de terem revelado, através de teste de inteligência, um desenvolvimento intelectual de nível acima da média. Para Bouvet, "a leitura requer um profundo conhecimento da língua. Privados deste conhecimento, os surdos são, então, privados da leitura que seria, no entanto, para eles, mais que para os outros, um maravilhoso meio de conhecimento, de extravasão e de comunicação. Se os surdos 'falam', isto não quer dizer, entretanto, que eles tenham a língua da sociedade e que sejam verdadeiros leitores. Isto mostra o quanto a educação da criança surda, muito exclusivamente centrada na fala, conduz a um fracasso"(Bouvet,1979:235). Citando B.Mottez, D. Bouvet diz:"a s'obstiner contre les déficiences, on augmente souvent le handicap"(Bouvet,1979:235).

Portanto, apenas uma abordagem realista do problema e uma aceitação total da surdez e, conseqüentemente, da língua dos sinais, pode permitir que a linguagem se

instale na criança surda. E como assinalou B. Mottez, "la reconnaissance de la langue des signes est la condition sine qua non de l'integration et de la sortie du ghetto" (Mottez, 1985:89) para os surdos.

É bom, entretanto, enfatizar que não se trata aqui de propor o método bimodal para a educação do surdo. Como demonstraram Ferreira Brito, Pisciotto e Sales (1984), alguns resultados parciais sobre a morfologia da LSCB são suficientes para que se note a distância estrutural existente entre a LSCB e o português. Apesar da característica gestual/visual da primeira e da modalidade oral/auditiva da segunda, a diferença estrutural não permite que estas duas línguas sejam utilizadas simultaneamente, sem risco de introdução de deformações nas mesmas. Consideramos, pois, que o bilinguismo é a única solução para o surdo brasileiro, no presente. E o bilinguismo implica na aceitação sem restrições da LSCB.

As línguas gestuais-visuais são a única modalidade de língua que permite aos surdos desenvolver plenamente seu potencial linguístico e, portanto, seu potencial cognitivo, oferecendo-lhes, por isso mesmo, possibilidade de libertação do real concreto e de socialização que não apresentaria defasagem em relação àquela dos ouvintes. São o meio mais eficiente de integração social do surdo.

BIBLIOGRAFIA

BERGE, F. "Surdité et santé mentale." Rééducation Orthophonique, 17, nº 107 (1979), 241-246.

BOUVET, D. "Le droit de l'enfant sourd à la langue maternelle." Rééducation Orthophonique, 17, nº 117(1979), 225-240.

FELIPE, T.A. "Alguns tópicos sobre a gramática da língua dos sinais dos centros urbanos brasileiros." Primer Encuentro Latinoamericano de Investigadores de los Lenguajes de Señas de los Sordos, 1986.

FERREIRA-BRITO, L. "Étude de l'adjectivation en portugais." Diss. Université de Paris, 1977.

_____. "Desenvolvimento linguístico e deficiência auditiva." SBPC, Salvador, 1981.

_____. "Similarities and Differences in Two Brazilian Sign Languages." Sign Language Studies. Maryland: Linstock Press, 1984.

_____. "Os direitos linguísticos dos surdos." Revista de Cultura Vozes, nº 5 (junho-julho 1985), 68-71.

- _____. "Um estudo preliminar da estrutura sublexical da LSCB." Primer Encuentro Latinoamericano de Investigadores de los lenguajes de Señas de los Sordos, Montevideo, 1986.
- _____. "Epistemic, Deontic and Alethic Modalities in a Brazilian Sign Language." Theoretical Issues in Sign Language Research. New York: Univ. of Rochester, 1986.
- _____ e A. Siqueira. "Termos básicos para cores em línguas dos sinais." Anais do X Encontro Nacional de Linguística, PUC-RJ (no prelo).
- _____, H. Pisciotta e R.C.F. Sales. "Morfo-fonologia e sintaxe da língua dos sinais nas cidades brasileiras." Anais do IX Encontro Nacional de Linguística, PUC-RJ (no prelo).
- _____ e R. Langevin. "Modalités: un modèle géométrique." Mathématique et Sciences Humaines, Paris (no prelo).
- KLIMA, E. and U. Bellugi. The Signs of Language. Cambridge: Harvard Univ. Press, 1979.
- LAKOFF, G. and M. Johnson. Metaphor We Live By. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1980.
- MOTTEZ, B. "La culture sourde." Médiations, Handicap et culture, A.E.L.G.A.I.B.U.S., Marseille, 1985.
- _____. "La sortie du Ghetto." La langue des signes dans la formation et l'intégration de la personne sourde. Actes du Colloque de Liège, Sart-Tilman, 1985.
- PISCIOTTA, H. "Aquisição de noções modais por crianças de dois a seis anos." Diss. Universidade de Mogi das Cruzes, S.P., 1982.
- SOUZA, R.M. e J.A. Cordeiro. "Relação entre o nível de alfabetização de adolescentes surdos e idade: nível intelectual, renda familiar, e tipo de comunicação." III Encontro de Psicologia, PUC-Carpinas, S.P., 1985.
- VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Livraria Martins Fonte Editora, 1984.